

# GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mēzes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador—SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

## ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento. Redacção—Rua dos Caldeiros, n.º 250—Porto

ANGEJA, 8 DE FEVEREIRO DE 1888

## SUMMARIO

A conducta da opposição serpacea e a sua decadencia. Noticiario. Folhetim.

## SCIENCIAS E LETTRAS

Leitura para nossas filhas—D. Maria A. Vas de Carvalho. M... (soneto)—Custodio Guimarães. A folha de hera—Carlos Lobo d'Avila.

## A CONDUCTA DA OPPOSIÇÃO SERPACEA E A SUA DECADENCIA

Quando uma opposição se impõe a tarefa exclusiva de lutar persistentemente e aciosamente por derrubar a todo o transe uma situação politica sem repugnancia dos meios empregados; quando ella exco-gita e explora todos os incidentes para obstruir a acção do governo e se insurge, a cada momento, contra as medidas mais sensatas dos ministros da corda e os affronta repugnantemente com epithetos proprios d'uma praça de peixe mas indignos de homens illustrados; quando uma opposição assim procede, longe de ser proveitosa a um paiz, faz-lhe antes um pessimo serviço. Fornece um valente documento da carencia de patriotismo d'esse paiz, deprime a sua força moral, fomenta a descrença politica por todas as classes sociaes, desautoriça o seu parlamento e colabora no descredito da nação.

A opposição actual está n'estas condições, infelizmente para o paiz, accrescentando ainda os defeitos da sua organização e indisciplina, infelizmente para ella.

Isto não o dizemos nós, evidencia-o constantemente ella e escrevem-no pessoas autorizadas, e para todos insuspeitas. Vejamos se em tudo isto ha alguma verdade.

A opposição parlamentar ainda não prestou, como todos sabem, o seu assentimento franco e sincero a nenhuma das medidas do actual gabinete. Não tem algumas dado o resultado desejado nem preenchido o seu fim? Não o duvidamos, porque ninguém é perfeito em tudo o que faz. Muitas outras medidas tem sido acertadissimas e vantajosas. Todos o reconhecem, mas o facciosismo cego e ridiculo da opposição indisciplinada não lhe permite confessal-o. A qualquer projecto ou reforma que apparece, ella dá-se logo pressa a cobri-la de lama e esforça-se por fazer passal-a aos olhos do paiz como medida vexatoria e repugnante; e a esse proposito levanta logo um incidente sobre o qual, quer fallar uma semana inteira, não perdendo ensejo de insultar homens que tem mais annos de vida publica do que alguns d'elles tem de idade, e que tem prestado mais serviços ao paiz que elles nunca hão-de prestar.

Isto é o que consta dos extractos das camaras da legislatura que vai corrento.

A proposito da questão do porto de Lisboa onde ninguém de bom senso pôde desde já incriminar, com fundamento, nenhum ministro, os da opposição já representaram um papel que a todos revela a má fé com que procedem. Conviado lhes ter sempre patente um pretexto para se atirarem ao governo, logo que se fallou a primeira vez em inquerito parlamentar protestaram. Vendido o descredito que d'ahi lhes vinha, mudaram radicalmente de opinião e no dia immediato approvam por unanimidade o inquerito parlamentar contra que tinham

protestado na vespera! E n'isto iam sendo ridicularizados e recebendo lições da parte do snr. Barjona, que em senso e proceder lhes vai ganhando terreno espantosamente.

Sobre o inquerito agricola e a lei das licenças, medidas que já são velhas em todos os paizes civilizados, a primeira indispensavel para saber-se das forças productivas do paiz e elevar-se a agricultura, a segunda para restabelecer-se a igualdade relativa no pagamento das contribuições; contra estas medidas tão sensatas e justas os snrs. da opposição serpacea, quer na imprensa quer no parlamento, fizeram uma guerra de morte e explorando e abusando da ignorancia do povo, incitaram-no à rebelião e a levantar resistencia à marcha do governo, notando-se bem que a lei das licenças já constituiu um projecto de lei apresentado em côrtes em 1879 pelo actual chefe regenerador! Pô-le assim conquistar algum credito na opinião do paiz?

Pôde ser leal e patriota uma opposição, que na sua imprensa e no parlamento, está por meio da sua rhetorica exaltando, dando todo o apoio e calor aos tumultos da rua e imputando ao governo responsabilidades de crises como a da Madeira, que só ao governo regenerador pertence porque é elle que tem dominado sempre com pequenissimos intervallos?

Pôde-se tomar a serio uma opposição que em pleno parlamento insulta insolentemente um dos ministros mais serios da corda e no dia seguinte clama que seja processado um particular que teve a coragem de escrever n'um jornal de provincia uma carta energica, combatendo os desmandos do parlamento?

Mas que ridicula, que ridicula essa opposição acephala que para ahí anda a enlamear-se e pretender denegrir reputações eminentes. Para se completarem nem sequer falta o completo desaccordo nas camaras entre a sua diminuta gente.

Emquanto nas camaras dos deputados se pede a todo o transe que seja processado o auctor da carta, no mesmo dia, na camara alta, o snr. Hintze Ribeiro declara não haver motivo para tal exigencia!

Emquanto nas casas do parlamento se censura o governo e se dá força à agitação rural e se inventam comicios em Arouca e em Caminha que nunca existiram, nos corredores do mesmo edificio dão-se scenas vergonhosas entre os sob chefes serpaccos por discordarem d'aquelle systema politico de arruaçes e de insultos que os rebaixa e os condemna e os expõe à troça de seus antigos correligionarios da esquerda. Pretendem assim conquistar confiança e consideração? De quem? Do povo? Não porque esse sabe converter os comicios de resistencia ao governo em comicios de applauso como aconteceu em Braga e em outras terras, e sabe malograr outros, dando assim severas lições aos exploradores.

Esperam o apoio da imprensa sensata e independente? Não, porque essa pela pena auctorisadissima de Rodrigues de Freitas diz:—«governar na opposição é não atacar só para derrubar, mas sim por obediencia a principios que se professam convictamente, por amor da verdade, por dever de propagar ideias, por desejo de esclarecer o povo; governar na opposição não prometter nada que se não tencione fazer e antes ser multissimo parco em promessas do que um pouco dadivoso; é preferir uma victoria nobre, ainda que tardia, a um triumpho torpe, ainda que por elle se alcance uma pista; é não negar aos adversarios os merecimentos que em verdade tenham, nem impedil-os de praticar o bem; em auxiliar os inimigos irá n'este caso o apoio ás ideias proprias, ás praticas uteis; contrariar-os então, seria contrariar se a si proprio, estabelecer um precedente mau, fabricar uma arma que mais

## FOLHETIM

## A JUDIA

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;  
A riba, silenciosa, a viração subtil;  
A lua, em pleno azul, erguia o rosto ameno;  
No ceo, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longiquo, airoso barco ao largo  
Bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul;  
Cedia a natureza ao celestial lethargo  
Traziam meigos sons as virações do azul.

O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!  
Auras cheias d'aroma! esplendido luar!  
Vastos jardins em flor! suavissima harmonia!  
Transparente, profundo, infindo, o ceo e o mar!...

Se a triste da judia ousasse ter desejo  
De patria sobre a terra, aqui prendêra o seu:  
Um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,  
E eleito da minh'alma um coração só meu!...

Corria branda a noite; immersa em funda magna,  
Fui assentar-me triste e só no meu jardim;  
Ouvj um canto ameno! e um barco ao lume d'agua,  
Vogava brandamente. A voz-dizia assim:

—«Dormes? e eu velo, seductora imagem,  
Grata miragem que no ermo vi;  
Dorme—Impossivel—que encontrei na vida!  
Dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalantar-te os sonhos  
Virgens, risinhos, que te vem dos ceos!  
Dorme e não vejas o martyrio, as maguas,  
Que eu digo ás aguas, e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,  
Pertó ou distante que de mim tu vás,  
Ha-de seguir-te uma saudade infinda,  
Hebréa linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste ó bella?  
Rosa singela, que não tem jardim?  
No Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...  
Mundo infinito, e tu sem berço?! Oh! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle!  
Victima imbelle, que o tufão roubou!  
Flor, que n'um vaso se alimenta, cresce,  
Ri, des'parece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,  
Que ao mundo encobre o seu martyrio e crê!  
Sempre Ashevero a percorrer a esphera!  
Desgraça austera! inabalavel fé!

Porque ha-de o lume de teus olhos bellos  
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor?  
Porque esta chamma a consumir-me o seio?...  
Deus, de permeio, nos maldiz o amor!...

Peito, meu peito porque anceias tanto?  
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!  
E' sina, é sina! remador, volteemos;  
Não a acordemos... para quê, meus ais?

Dorme, que eu velo, seductora imagem,  
Grata miragem, que no ermo vi;  
Dorme—Impossivel—que encontrei na vida!  
Dorme, querida, que eu não volto aqui.»—

Sumiu-se a barca, e eu chorava,  
Debruçada sobre o Tejo;  
A aragem trouxe-me um beijo  
Que nos meus labios tomei...  
Ergui-me cheia de affecto;  
Vi scintillar inda a esteira  
Da barquinha feliceira,  
E disse ás auras:—«correil!»

Trazei-m'o! quero contar-lhe  
O fundo tormento enorme  
Da Judia que não dorme  
A penar d'ignoto amor!  
Voa! trazei-me o seu nome,  
O seu retrato, o seu canto,  
Uma baga do seu pranto...  
Que venha! o meu trovador!...

por um publicista como Rodri-  
de Freitas deve ter contristado a op-  
sição e deve-a ter compenetrado do pa-  
el que está representando.

Contará ou terá a seu favor a confiança  
da corôa? Não, porque ha dias indo ao pa-  
ço um dos membros mais illustres da ca-  
mara dos pares e dizendo a el-rei que vi-  
nha de deitar nas camaras uma moção de  
confiança ao governo, sua magestade res-  
pondeu:—«fz bem, a governos como este,  
presidido por José Luciano de Castro,  
deitam-se moções de confiança, principal-  
mente quem se interessar pelo bem do  
paiz.»

Podiamos-nos alongar muito mais em  
considerações e citações, mas as nossas  
muitas occupaões escolares não nol-o per-  
mittem.

Mas o que se conclue do tudo isto? Que  
o governo está fraco e a opposição está  
forte? Não o percebemos assim.

## Noticiario

**Conselheiro Augusto de Cas-  
tro.**—Este distincto cavalheiro, meretis-  
simo procurador regio junto da Relação  
do Porto, foi ultimamente agraciado com  
a carta de conselho. Na epocha que vamos  
vessando, pouquissimos titulos são con-  
dos com tanta propriedade e justiça co-  
este. Conquistado unicamente pelo seu  
e distinctissimo como empregado pu-  
co e pelos serviços por sua exc.\* pres-  
os á magistratura portugueza, da qual  
m ornamento, nada ha mais bem mere-

o sr. ministro da justiça que tendo  
o mais subido apreço os serviços de sua  
c.a, e desejando se lhe significasse uma  
manifestação de louvor, solicitou d'este no-  
bre magistrado portuense accettesse a car-  
ta de conselho que lhe ia ser conferida  
por intermedio seu. E' sobre tudo honroso  
quando estas provas de deferencia são da  
iniciativa de pessoas de cathogoria official  
rior como é o sr. ministro da justi-  
Nem d'outra maneira o sr. procura-  
dor regio do Porto accetava a carta de  
conselho. Temos a honra de conhecer de  
perto sua exc.\* para poder affirmal-o.  
Felicitamol-o sinceramente.

**Subscrição para os candlei-  
ros.**—A subscrição existente não chega  
ainda para a compra dos candleiros.

Quando apparecerem mais alguns subs-  
criptores que prehenham o que faltar  
pedir-se-hão aos subscriptores as respecti-  
vas quantias e tratar-se-ha de fazer-se a

dos candleiros. Enquanto a  
scrição não der para a compra d'el-  
les, declaramos que não receberemos di-  
nheiro de nenhum subscriptor. Só o rece-  
beremos quando tivermos a certeza que  
ha o dinheiro sufficiente para logo no dia  
seguinte se realizar a compra.

**Julgados em Albergaria Ve-  
lha.**—Devia ter sido hontem inaugurada  
a instalação do julgado municipal em Al-  
bergaria e que segundo nos consta devia  
ser muito festejada.

**Restabelecimento.**—Está com-  
pletamente bom o menino Augusto, filho  
do sr. conselheiro Augusto de Castro, o  
que muito estimamos.

**Subscrição.**—Trata-se em Angeja,  
por meio de subscrição, de arranjar di-  
nheiro para indemnisar o empreiteiro das  
obras de egreja d'uns prejuizos alli soffri-  
dos e para elle continuar com as obras.

**«A Geração Nova».**—Os snrs. J.  
Diogo do Carmo e Alfredo Coimbra, acabam  
de enviar-nos o prospecto d'um jornal as-  
sim intitulado, hebdomadario que certa-  
mente fará revolução no mundo litterario.

Esta publicação, segundo o programma,  
não será só um primor d'arte typographi-  
ca, promette um plano ainda não usado  
entre nós e uma escolha minuciosissima,  
de fino gosto litterario em original, a par  
d'uma collaboração distincta, selecta.

Se o programma, que os dois esperan-  
çosos rapazes fizeram correr mundo, não  
for um ideal, mas a realidade do que será  
a «Geração Nova», teremos um semanario  
excessivamente modico, verdadeiro *bijou*  
de litteratura.

**Julgamento de socialistas po-  
lacos.**—Foram julgados ha dias em Po-  
sen, quinze socialistas polacos, accusados  
de fazerem parte d'uma sociedade secreta  
e de terem excitado as diferentes classes  
da população a odiarem-se mutuamente.

Quatro foram condemnados em dois an-  
nos a um anno e seis mezes de cadeia.  
Sete, em nove a quatro mezes da mesma  
pena e quatro, absolvidos.

**Preziosidades destruidas.**—  
Lord Rothschild encarregou ha dias uma  
agencia de transportes de Londres de re-  
mover alguns quadros de grande valor de  
um palacio para outro por elle comprado  
ultimamente.

Durante a viagem, incendiou-se a palha  
que embrulhava as telas, e os quadros fi-  
caram completamente destruidos. Atribue-  
se o incendio a um operario, que teve a  
imprudencia de accender o cachimbo no  
mesmo carro onde iam os quadros.

As telas destruidas representavam um  
valor de setenta mil francos, approxima-  
damente, réis 126:000\$000.

**Morgue em Lisboa.**—O conselho  
geral de hygiene foi consultado pela com-  
missão executiva da camara municipal de  
Lisboa, sobre um projecto de morgue elab-  
orado pela sua repartição technica.

**Casas de correção.**—O sr. mi-  
nistro da justiça apresentou na camara dos  
deputados uma proposta creando tres ca-  
sas de correção para individuos do sexo  
masculino menorea de 18 annos, proces-  
sados e affiançados nas comarcas de Lis-  
boa, Porto e Ponta Delgada, e creando nas  
visinhanças de Lisboa uma colonia agricola  
para receber os menores de 18 annos  
processados e não affiançados da comarca  
de Lisboa.

**A sala dos carnavaes.**—A da-  
ma que, sob o modesto disfarce de salaia,  
percorre ha annos os bailes de mascaras  
em Lisboa, pedindo esmola para os po-  
bres, obteve já na presente epocha a quan-  
tia de 47\$000 réis; e durante os dez an-  
nos que implora a caridade dos frequen-  
tadores dos bailes carnavalescos tem obti-  
do a somma de 1:663\$625 réis, somma  
que tem sido distribuida pelos pobres da  
capital, sem que estes conheçam a mão  
caridosa que lhes mitiga a miseria.

**Offerta real.**—Sua Magestade el-rei  
envia ao regulo Gungunbama, pelos seus  
emissarios, uma famosa offerta. Consiste  
n'uma optima espiogarda de repetição, sis-  
tema americano de Spencer, mettida n'um  
estojo de mogno polido, forrado de vellu-  
do carmezim.

Na coronha da arma, assim como na  
tampa do estojo, estão incrustadas a prata  
as armas portuguezas com a dedicatória:  
—«Ao regulo de Gungunbama».

**Sociedade Camillo Castello  
Branco.**—Installou-se definitivamente  
no Porto na rua do Mousinho da Silveira  
a agremiação denominada Camillo Castel-  
lo Branco.

Na reunião que se realisou a 29 do mez  
passado, presidida pelo sr. José Joaquim  
Dias, servindo de secretarios os snrs. Ro-  
drigues Marques e Mendes d'Azevedo, re-  
solveu-se, entre outros assumptos relati-  
vos á mesma sociedade, enviar ao eminente  
escritor uma mensagem de agradeci-  
mento pela sua prompta annuencia a que  
a sociedade podesse usar do seu nome;  
leu-se a carta de annuencia enviada pelo  
exc.<sup>mo</sup> filho do glorioso romancista e de-  
terminou-se que fosse uma commissão, em  
nome da sociedade, agradecer ao sr.  
Ednardo da Costa Santos a intervenção

que tivera, remetendo a mensagem em  
que se pedia a auctorisação precisa.

**A saude do monarca.**—El-rei  
desejou ver os livros aonde estão inscri-  
ptas as pessoas que por si, ou represen-  
tando corporações, teem ido ao paço da  
Ajuda informar-se do seu estado. Sua ma-  
gestade ficou sobre maneira agradecido e  
em extremo lisonjeado pelo subido numero  
de assignaturas, em grande parte desco-  
nhecidas de el-rei, que se acham n'aquel-  
les livros. Sua magestade disse:—«Qu-  
era um rei feliz porque, nos momentos  
angustiosos da sua vida, recebia sempre  
do povo, que muito amava, inequivocas  
provas da mais elevada consideração».

Estes livros, por ordem de el-rei, serão  
juntos aos que sua magestade possui, e  
que se referem á doença que sua mages-  
tade a rainha em tempos teve, e á de el-  
rei D. Fernando.

**O carnaval no Porto.**—O Club  
Tenentes do Diabo escreveu uma carta á  
dircção da tuna compostelana que vem a  
Portugal, e que é composta de estudantes  
de Santiago de Compostela, convidando a  
brilhante estudantina a incorporar-se no  
corlejo carnavalesco que o mesmo club  
realisa. A dircção respondeu por telegra-  
ma, que accitava do melhor grado.

Os Tenentes do Diabo projectam fazer  
uma recepção cordeal e entusiastica aos  
academicos hespanhoes.

A tuna occupará, no prestito carnavales-  
co dos Tenentes dois carros magnificamen-  
te ornamentados.

**Drama n'uma jaula.**—O celebre  
domador de feras, Peson, correu ha dias  
grande perigo de ser devorado por um  
terrivel urso que trazia na sua collecção.  
Quando entrou na jaula, no circo de  
Chalons-sur-Marme, foi derrubado pela  
fera.

O filho do domador, que estava no cir-  
co, abriu corajosamente a jaula e ahi en-  
trou em soccorro do pae, principiando a  
dar pontapé no urso, para o obrigar a le-  
vantar, pois debaixo d'elle, quasi esma-  
gado, estava o pobre domador.

O urso voltou-se então contra o intrep-  
ido rapaz, enquanto Peron, já livre de  
perigo, sahia da jaula.

Um militar que estava entre o publico  
saltou á arena e passou, por entre os fer-  
ros da jaula, o seu sabre ao corajoso man-  
cebo.

O filho de Peron feriu por diversas ve-  
zes o urso, mas a lucta só terminou quan-  
do um dos creados do circo vasou, com um  
tiro, os dous olhos da fera.

Os ferimentos dos dous domadores não  
são muito graves.

Ai, não! que ha na minha historia  
Que lhe suavise a tristeza?  
Nasci na triste Veneza,  
Onde perdi minha mãe;  
Acalentaram-me as lagrimas  
Que derramava a saudade,  
Na desgraçada cidade,  
Que não tem patria tambem

Cresci; meu pae uma noite  
Disse-me:—«E' já tempo agora;  
Ergue-te ao romper d'aurora,  
Vamos partir ámanhã;  
Vamos ver as terras santas,  
Sepulchros de teus monarchas;  
A patria dos patriarchas,  
Desde o Egypto a Canaan.»—

Fui; corri o mappa immenso  
Das montanhas da Judéa;  
Ai, patria da raça hebréa!  
Ai, desditoso Sião!  
Que extensos montes sem relva!  
Que paragens sem conforto!  
Onde se estende o Mar Morto,  
E onde se espraia o Jordão!...

Aqui, de Hemor os vestigios;  
De Ziphe, além o deserto;  
Loggé, o Sinai encoberto;  
D'horeb o morro, inda alem;  
D'este lado o Mar Vermelho;  
D'aquelle, nada! uns destroços;

Ruínas, campas sem ossos!  
E ao fundo, Jerusalem!

Meu pae chorava e eu chorava  
Vendo morta e sem prestigio  
Terra de tanto prodigio,  
Maldicta agora de Deus  
Tudo silencioso! esteril!  
Tudo vastos cemiterios,  
Onde ruínas d'imperios  
Ficaram por mausoleos!

—«Meu pae—disse eu—tenho sede!»—  
—«Vé filha, a aridez do monte!  
Só Deus dava ao ermo a fonte  
Em que bebia Ismael»—  
—«Pae, canceli; mostra-me a patria,  
Quero dormir sem receio...»—  
—«Filha, encosta-te ao meu seio,  
Que não tem patria Israel.»

Em todo o mundo estrangeira!  
Toda a vida peregrina!  
Véde se ha mais triste sina:  
Ser rica e não ter um lar!  
Sempre a lenda do Ashevero!  
Sempre o decreto divino!  
Sempre a expulsar-me o destino,  
Como Abrahão á pobre Agar!

Que póde valer á hebréa  
Sentir n'alma chamma infinda?  
Como a linda Esther ser linda,

E amada como Rachel?  
Se o coração da Julia  
Se entre-abre de amor aos lumes,  
Não lhe dá tempo aos perfumes  
O seu destino cruel.

Ai trovador nazareno,  
Não volte! tenho receio...  
Dizes que é Deus de permeio?  
Não, blasphemaste! Deus não!  
Poz o mundo esse impossivel  
Entre o desejo e a ventura;  
O amor chama-lhe—loucura;  
E o preconceito—razão.

Deus é Deus, e um só existe!  
Gego é o mundo e varia a crença!  
Mas esta cupula immensa  
E' tecto de todos nós!  
Este ambiente que respiro,  
Da lua e do sol os brilhos  
Hão-de ser de nossos filhos!  
Foram de nossos avós!

Mas se a crença nos separa,  
E o mundo exige o supplicio,  
Dé-se o amor em sacrificio,  
Deixando-se o pranto á dôr;  
Eu cerro o peito á ventura;  
Tu esmaga o teu desejo;  
Não mais virei junto ao Tejo...  
Não volteis mais, trovador!

Thomas Ribeiro.

LEITURA PARA NOSSAS FILHAS

(Continuação)

Posso apenas contar-lhe o que fiz.

Minha filha tem hoje vinte seis annos, é casada, é mãe, e tem sabido cumprir a dupla e difficil missão que a sorte lhe confiou.

Não sei se deva attribuir os meritos que todos lhe reconhecem á educação que procurei dar-lhe, parece-me, porém, que sem falsa modestia poderei confessar, que os meus cuidados não foram de todo inefficazes, e que o muito que pensei e meditei sobre o caracter da minha querida filha, me ajudou a guial-a no caminho do seu aperfeiçoamento.

Ha gente que diz que as mulheres não devem ler.

Não sei se alguma vez tem ouvido essas opiniões estupidas ou perdidas; não lhes dê credito, minha boa amiga.

Eu não acho merito algum á mulher ignorante, que se resigna ao cumprimento dos seus obscuros deveres de todos os dias.

Segue rotineiramente um caminho de que não conhece as difficuldades, e se não se afasta d'elle é porque não sabe de nenhum outro.

A mulher deve ler, mas se mais tarde, no pleno uso das suas faculdades mentaes, e da sua força moral, ella pôde ler tudo sem perigo, é indispensavel que uma educação anterior a tenha preparado e fortalecido, é indispensavel que haja o maior cuidado na cultura intellectual que ella deve receber na infancia e na adolescencia.

Diz-me a minha amiga, que a maior parte dos romances são immoraes, que os que não são immoraes nos intuitos são perigosamente exaltados ou revellam ao espirito de novidade quadros que ella não deve conhecer: diz-me que a historia de todos os povos não é mais que um amontoado confuso de crimes e de vicios, que a sciencia está em contradicção absoluta com as verdades da religião, e no meio das duvidas que se desnorteam e assaltam, quasi que preferre condemnar a sua filha a uma ignorancia que ao menos a conserve simples de coração e tranquilla de espirito.

Tenho duas objecções a fazer-lhe, minha amiga, e parece-me que ambas hão-de impressionar o seu esclarecido entendimento.

Em primeiro lugar, se consultar bem a sua consciencia, verá que transige por fraqueza e por preguiça com a ignorancia de sua filha.

Preferre que ella não tenha quasi nada, a ter de se entregar a trabalho difficilissimo de escolher com o mais delicado dos escrúpulos o que ella deve saber.

Em segundo lugar, essa ignorancia, que para a mulher lhe parece o porto socegado e tranquillo onde ella repousará affoutamente, parece-me a mim um banco de perdidas areias onde facilmente ella pôde naufragar.

Já estou d'aquí prevendo a sua objecção.

Mas eu não quero tal que minha filha seja ignorante. Pelo contrario, dei-lhe uma excellente educação. Aqui não se tracta senão das leituras que depois de educada eu lhe devo permittir ou recusar.

Minha amiga, creia isto que lhe vou dizer. Se sua filha não souber senão o que tem aprendido até agora, de poucos recursos fica munida para combater na grande batalha em que vae entrar.

Ensinou-lhe o cathecismo, bem sei; Lili fez já a sua primeira communhão, e respondeu ao exame de doutrina com admiravel facilidade, e com uma memoria impecavel.

E depois?

Em que é que essas noções a auxiliam para que ella chegue a conceder o bem absoluto, a eterna justiça, o Espirito Supremo que anima a grande natureza?

E' preciso que ella forme de Deus uma larga e fecunda ideia, e as manifestações da sua grandeza não estão no cathecismo, estão espalhadas n'essa criação universal que ella não sabe ver e que ella não conhece.

Conhece a historia pelos pequenos opusculos cheios de todas as maculas e impurezas, que deixaram chegar ás suas mãos infantis.

Não será uma irrisão dizer que ella conhece a historia?

Sabe os nomes dos reis, as datas dos seus nascimentos e mortes, coroações e consorcios, e os filhos que tiveram e as cidades e villas que conquistaram; mas que ideia tem ella d'essa historia sublime; que participa do drama e da epopéa, que tem paginas doloridas e paginas brilhantes, que tem cantos triumphaes, e gemidos de lutuosa angustia, d'essa historia em que estão registradas tantas luctas heroicas, tantas conquistas immortaes, e que se chama a historia da humanidade?

Não lhe parece que deve ser um estudo elevado, fortificante, robustecedor, que faz conhecer melhor, os esforços titanicos que o homem tem empregado para alcançar a quasi omnipotencia que hoje possui?

Do homem rude, primitivo, inhabil, rodeado de perigos para o corpo e de chimeras para o espirito, esmagado pela força bruta da natureza, sem comprehensão do destino que o esperava e da missão a que vinha, até ao homem dos nossos dias, ao rei, ao victorioso, ao vencedor, ao que tem dominado todas as tyrannias que o dominavam, que differença enorme vae, minha querida amiga!

Entre o pária errante das selvas prehistoricas e esse triumphador que se chama Newton ou Goethe, Claude Bernard ou Victor Hugo, ha a distancia de uns poucos de milhares de seculos, que é preciso conhecer ao menos pelos marcos milliaricos que tem assignalado a passagem dos mais illustres caminhantes n'essa estrada luminosa que se chama civilização.

E' isso que eu chamo conhecer a historia.

D'essa sciencia o espirito de sua filha, curioso, ávido, aberto para todas as grandes cousas, só pôde colher proveito, um enorme proveito cujo alcance mal lhe posso explicar!

Dir-me-ha que n'essa historia ha crimes ignobis, ha quadros revoltantes, ha homens condemnados cujo contacto pôde ferir o delicado e virginal espirito de uma creança.

Oh! mas tambem ha martyrios, sacrificios, abnegações, arrojios sublimes!

Se ha criminosos, tambem ha heroes; se ha algozes, tambem ha martyres; se ha monstros, tambem ha santos.

Deixe que no cerebro da creança se faça a mysteriosa elaboração de que ha de sahir o culto pelo que fór bello e bom, o odio raciocinado e violento a tudo que fór abjecto e vil, a compaixão virtuosa e divina para tudo que fór fragil e ignorante!

Ponha nas mãos de sua filha todos os cantos d'essa epopéa enorme. Faça lhe ler com attenção essa historia, e quando ella tiver chegado á ultima pagina, será mulher. Uma mulher instruida, uma mulher forte, capaz de ser esposa digna, e mãe desvelada, tendo aprendido a conhecer, comparar, julgar e a pensar.

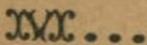
Não sei se comprehendeu bem a ideia que procurei expôr-lhe. Apontei a traços largos a direcção una que deve dar ás leituras de sua filha. Isto a que chamei conhecer a historia, não é, como viu, ler simplesmente os historiadores.

E' ler, dominada por uma ideia de elevada critica, que as conversações d'uma mãe intelligente podem dar, todas as que tenham trazido a este thesouro formado pelos seculos, algum conhecimento precioso e util.

(Continúa).

(Do livro *Mulheres e Creanças*).

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.



A SILVA FERRAZ

Adoras-me, sylphide, no entretanto, nem um tenue lampejo d'alegria vem levantar do gelido quebranto minh'alma, que se extorce d'agonia.

Tu adoras-me, sim!—mas vé o quanto é dolorosa e arida e sombria a magua que m'inunda em frio pranto as horas de prazer e de harmonia!

Oh!... um só momento e o destino, ao esquecimento que se atrofia e mata o idealismo...

Que um turbilhão te leve espaço em fora! —o teu amor é sphinge assoladora com a attracção funeria d'um abysmo.

Porto.

Custodio Guimarães.

A FOLHA DE HERA

Era meia noite quando Antonio de Castro entrou no baile dos marquezes de V. Apenas passado o vestibulo do palacio, penetrava-se n'um vasto quadrado, rodeado de uma arcaria de marmore da Carrara e tendo no centro um tanque d'onde jorrava um repucho, em que as luzes punham mil reflexos scintilantes. Em torno do tanque desabrochavam as mais bellas e raras plantas, e das arcarias pendiam galolas douradas, onde pipilavam alegremente passaros africanos. Em volta havia flacidos divans orientaes, onde alguns grupos, sentados, conversavam.

Antonio de Castro ia profundamente melancolico. Impressão extraordinaria, que só sabem avaliar aquellos que a tem sentido:—n'um baile, entre as scintillações das luzes e o brilho das joias, no meio de mulheres formosas, cuja belleza natural é realçada pelo luxo das toilettes, ouvindo na orquestra o rythmo vivaz de uma valsa de Strauss—o nosso espirito acha-se triste, de uma tristeza irresistivel e sincera. Contraste flagrante, e tantas vezes verdadeiro.

Mas Antonio de Castro penetrara no salão denominado pela marquezia—o salão dos seus passaros—aproximou-se de um amigo, o seu intimo, e chamando-o de parte, perguntou-lhe, rapido:

—Está cá a Bertha?

—Está—respondeu o amigo, com um ar consternado.

—E que tem feito?—interrogou Antonio ansioso.

—Ora—retrucou-lhe o amigo—o que tem feito? Tem dançado e—acentuando a frase com intenção e com tristeza—tem conversado muito com o novo visconde, o Luiz de Mello.

Antonio de Castro empallideceu, e lançando os olhos para o largo crystal polido, que se destacava na parede que dava para o salão de baile, viu, n'um relance, entre os pares que perpassavam rapidos no rodopio da valsa, a figura gentil de Bertha da Cunha, como que dependurada no hombro de Luiz de Mello e levada tambem na vertigem da dança...

De um dos grupos que estanciavam perto d'elle, nos divans, uma voz argentina o chamou de repente, fazendo-o sair da sua dolorosa rêverie.

—O' sr. Antonio de Castro, que faz ahí tão melancolico que parece um cypreste? Venha dar uma volta de valsa.

—A's ordens de v. exc.<sup>a</sup>, minha senhora—respondeu Antonio, que se aproximara.

E, dando-lhe o braço, lá fóram os dois para o salão de baile.

O par de Antonio de Castro, era Luiza de Souza, uma travessa e bulhosa morena, a quem Antonio fizera a corte, n'outros tempos, em Cascaes, n'um verão, com a despreocupação d'uma simples *lirtartion*, boa para as partidas de *croquet* no Sporting. No emtanto Luiza parece que não havia encarado as coisas do mesmo modo e nunca perdoara a Antonio de Castro o seu arrefecimento e a sua indiferença subsequentes para com ella ao mesmo passo que se mostrava cada vez mais apaixonado por Bertha da Cunha, intima amiga de Luiza, e por isso a sua mais implacavel rival.

Terminada a valsa abriu-se o *buffette*. Uma onda de pares, ansiosa de gelados, invadiu logo a sala onde elle se achava disposto. Antonio de Castro conduziu ali o seu par, mas bem pouco lhe importava a elle a irrequieta e constante *babillage* de Luiza de Souza: os seus olhos estavam cravados sobre Bertha da Cunha que, a distancia, examinava um quadro de Corot, dando o braço a Luiz de Mello.

a sua se... se resolveu a... então, distraida... com treze aros de prata... estavam sobre a luva *gris perle*, de oito botões, perguntou-lhe:

—Já sabe a novidade da noite, sr. Castro?

—Eu não, minha senhora, acabo de chegar...

—Pois eu lh'a dou.—E accentuando perfidamente a phrase:

—E' amanhã pedida em casamento, pelo visconde de Mello, a minha amiga Bertha da Cunha.

Antonio de Castro mal pôde murmurar um *sim*?... meio surprehendido, meio aniquilado...

N'este momento Bertha chegara ao pé de Luiza e dizia-lhe:

—Então por onde tens andado? Estou cansada de te procurar.

E voltando se para Antonio de Castro, estendeu-lhe a sua fina mão, que parecia feita de lyrios.

—Como está, sr. Antonio de Castro? Ainda esta noite não tive o prazer de o vêr!

E depois, sorrindo-se maliciosamente, acrescentou:

—Tem por ventura andado os dois a conspirar?

—Não, minha senhora—respondeu Antonio, friamente—eu não conspiro, emui menos atraicção ninguem.

Bertha corou levemente.

Antonio proseguiu, quasi glacial:

—Acabava de chegar havia momentos quando a sr.<sup>a</sup> D. Luiza teve a amabilidade de me convidar para uma volta de valsa, e não tinha tempo de me ir despedir, de v. exc.<sup>a</sup> e lhe peço as suas ordens para o estrangeiro...

Bertha interrompeu-o:

—Então, parte?

—Parto sim, minha senhora, parto amanhã. Não sei ainda bem até onde esta viagem me levará, mas sei que me trará alguns annos afastado de Portugal.

Bertha estava branca de novo, e como o seu transparente vestido de... As mãos tremiam-lhe, e a colher, em que ia a levar aos labios o gelado, cahira-lhe no chão.

Ficou assim alguns minutos, e de repente, resoluta, disse baixo para Antonio:

—Não parta. Fique.

E deu-lhe uma folha de hera, que arrancara, com mão convulsa, da grinalda natural e viridente que lhe cingia o corpete.

—Cumprirei as ordens de v. exc.<sup>a</sup>—murmurou Antonio profundamente commovido.

Bertha da Cunha era filha dos condes de S., familia de nobilissimos caminhos, mas cujos bens de... sido

extremamente

do pae do act

Bertha era

revisam n'ella

para isso. N

como uma

bella carnac

figura de T

dóce a sua

que figurinh

A sua pelle

rencia que s

mente as fig

grandes, tra

vidade ineff

jado pelo c

castanho clar

pequenos caract

graça e d'um enc

a encarnação viva

ciosas figuras dos ro

ou o original encanta

las aristocraticas miss

na tela o pincel dell

Dyck.

Nada de petula

vesse na sua pess

guice, a sua disti

alegria da innocen

attractivos de Bertha

(Continúa.)

## VIOLETAS

Está no prelo este livro de sonetos de Manoel de Moura. O seu custo é de 400 réis. Pedidos á administração da «Gazeta Moderna».

## EL SIGLO

Jornal de modas e órgão dos grandes armazens d'este mesmo título. Publica-se em Barcelona nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Assignatura em Hespanha e Portugal por semestre 4 pesetas, e por anno 7, 50.

## ORA

La Empresa de «Bordadora» de Barcelona, periódico de Dibujos y Labores de señora, acaba de publicar un precioso Album de abecedarios, cifras y otros caprichos, todo propio para bordar, haciéndole recomendable su perfeccion y elegancia en las letras.

Su Administracion.—Escudillers, 55, Barcelona.

# PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

## FERREIRA & IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraeve, sedlitz Chanteand outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates resurgentes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até gora conhecidas na therapeutica. Vacina ingleza, tinturas para o cabelo, copos de massia. Extracto de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em estojos para preço desde 35000 a 305000, podendo modificar-se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias, pinças d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especulos variados, aparelhos de arch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injecções subcutaneas, thermometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasios. Aparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os sistemas até hoje conhecidos simples e duplas, para homem, mulher e creanças; ditas sem moia especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditas e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os mesmos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, compé e sem pé até ao joelho, cxa e verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os espermios e espheras para fonticulos; urinoes de diversas formas; honets para passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os sistemas conhecidos, e borracha para injecções e clysters, da capacidade desde 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puncionadores para pó e liquidos. Flos de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; aneis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de formas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, baldes tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

## CONTRA A DEBILIDADE

Magrinosa da Pharmacia Franco em Belem

excellentissimo tonico reconstituinte; esta farinha, a unica factorizada, é muito agradável e utilissima para falta de forças para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, e em todos os casos, qualquer que seja a causa da debilidade.

## EXTRACTIVO DE CARNE

Authorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, e pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util para doencas; augmenta consideravelmente as forças e o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'extractivo com bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem.

## CONTRA A TOSSE

EXTRACTO PEITORAL — JAMES

Authorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, em todas as hospitais. Cada frasco está acompanhado de um impresso com o nome dos médicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Acha-se á venda em Belem e nas principaes farmacias.

## O COMMERCIO ILLUSTRADO

BI-SEMANARIO

Órgão commercial, industrial, judicial, municipal, militar e das classes telegrapho postal e pharoes, obras publicas, etc.

PREÇO, CADA MEZ 100 RÉIS

Por todo o mez de janeiro, sabirá este excelente jornal illustrado, defensor de todas as classes, e collaborado pelos mais abalissados escriptores, publicando em folhetins a historia de «Gil Braz de Santilhana», extrahida do verdadeiro original. É o jornal mais barato que até hoje tem apparecido, o qual será enriquecido com o retrato dos principaes homens do commercio, industria, magistratura, chefes de repartições publicas, militares e portubares, etc. Os seus assignantes teem 50 p. c. d'abatimento no preço dos annuncios e 25 p. c. n'outras quaesquer publicações.

Assigna-se no Porto, praça de Santa Theresza n.º 45.

## GAZETA MODERNA

SEMANARIO PORTUENSE ILLUSTRADO

DIRECTOR E PROPRIETARIO

DANIEL D'ABREU JUNIOR

Política—Satyras e humorismos em prosa e verso—Noticias—Anecdotos—Charadas—Poesias—Contos—Bibliographia—Romances—Curiosidades—Musa popular—Antiguidades—Gymnastica, esgrima e natação—Revistas teatraes—Sport—Camoneana—Questões litterarias—Biographias—Apontamentos historicos—Educação—Moral, etc. Com a collaboração de distinctos escriptores, e illustrado com retratos de homens illustres paizagens, monumentos, etc.

Assignatura—Porto, 260 reis por tres mezes; provincias, 290 reis por egual tempo.

Annuncios e communicados—cada linha 40 reis; repetições, 20 reis.

Publicações litterarias, gratis, mediante um exemplar.

Não se acceptam assignaturas que não venham acompanhadas do respectivo importe.

Acceptam-se correspondentes em todas as terras.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção e administração—rua do Loureiro, 58—Porto.

## NOVO GUIA DO VIAJANTE

BOLETIM MENSAL

PREÇO 50 REIS

PORTO

Administração geral: 150 — Campo dos Martyres da Patria — 150.

## Adubo mineral, agricola e anti-phyloxerico

Este adubo tem grande riqueza em carbone, cal, soda, potassa e aluminio, acompanhada de piritas, as quaes tem a propriedade de decompor-se na humidade, formando o sulphureto de carbone natural, sufficientemente conhecido, como remedio anti-phyloxerico, tendo além d'isso a propriedade de ser um adubo agricola, desenvolvendo admiravelmente as videiras em especial e em geral todas as plantas. Depósito geral, rua Nova de S. Domingos n.º 105.

## DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

# CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 15000, 15200, 15500, 15800, 25000 e 35800 a garrafa

**MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO**

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

	(garrafa) réis	
Douro, sobrezeza.....	220	
Douro, sobrezeza, secco.....	200	
Douro, meza, claro.....	160	
Douro, meza, secco.....	140	
Douro, natural.....	100	
Vinho alimentar.....	80	
Minho clarete.....	80	

PREÇO SEM GARRAFA

27—Rua do Sá da Bandeira—29

## AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

**MAYA & C.ª**

GERENTE

**José Antonio Pereira Maya**

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitaes.

Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto.

Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, agravos, e recursos de revista, e de todas as accções commerciaes, civeis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forense e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

Porto—Typographia da Empreza Litteraria e Typographica, Rua do Almada, 346 e 347